

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: O EstadoClass.: 1215Data: 15.06.82

Pg.: _____

1990 Agricultores garantem que não usurparam terra dos Caingangues

Chapecó — “Apenas inverdades e calúnias”. Assim os agricultores de Sede Trentin que habitam a área conhecida por “Chimbanque” classificaram as acusações de índios Caingangues e seus remanescentes segundo as quais eles teriam usurpado suas terras à base de violências, ameaças e assassinatos.

Uma comissão de 13 agricultores liderada por Fidélis Trombetta procurou, ontem, desmentir uma a uma as acusações sustentadas pelos índios e pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), nacionalmente presidido pelo Bispo de Chapecó, Dom José Gomes.

O agricultor Fidélis Trombetta garantiu que as terras foram legalmente adquiridas das colonizadoras ou daqueles que as adquiriram das colonizadoras e às revenderam.

Essas operações de compra e venda estão legalmente documentadas, assegura, de acordo com escrituras públicas registradas no Cartório de Registro de Imóveis de Chapecó.

Sempre enfatizando que “não somos ladrões nem assassinos”, nunca foi reserva ou toldo indígena e desafiou o Cimi a mencionar qualquer lei ou decreto que tivesse criado o Toldo ou Chimbanque. Nessa área, que mede cerca de 80 colonias, vivem 130 famílias de agricultores brancos e todas detêm escrituras registradas.

Ao fazer a defesa da comunidade branca, Fidélis Trombetta, que vive há 16 anos em uma propriedade rural de Sede Trentin, acentuou que deseja uma solução pacífica para o impasse, mas advertiu

que não tolerará novas acusações e calúnias. Ele disse que entre as 60-70 pessoas que reivindicam a posse da área, existem apenas dois índios, sendo os demais caboclos ou remanescentes muito distantes dos índios Caingangues.

Para ilustrar como a comunidade branca nunca usou de violências contra os índios, narrou que há quatro anos procurou a ajuda da igreja para mediação entre brancos e índios. Na ocasião, o Padre Ivo Oro, coordenador da Comissão Pastoral da Terra (órgão da CNBB) teria acompanhado por algum tempo as divergências, já então existentes, evitando brigas entre índios e brancos.

Todos os membros da comissão de Sede Trentin desmentiram as acusações de um “relacionamento hostil e violento entre índios e brancos” e disseram que todos trabalham juntos sem problemas. Os 60-70 remanescentes de Caingangues vivem como agregados dos proprietários (brancos) das terras.

O líder Fidélis Trombetta revelou que a comunidade branca está preocupada com as acusações dos índios, mas considera injusto que os 500-600 brancos que vivem em terras compradas com sacrifício e legalmente tituladas, deixem suas propriedades para menos de uma centena de remanescentes Caingangues.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Arlindo Schwarz, está organizando a defesa dos brancos no campo jurídico e organizacional. Ele manifestou que o sindicato quer evitar conflitos diretos e o desrespeito à legislação sobre direito à posse de terras.

Schwarz quer evitar, particularmente, conflitos como aqueles verificados nas reservas indígenas de Xaçupé (Xanxerê-SC) e Nonoai (RS).

Admitimos acionar a justiça, o líder sindical antecipou que se for decidido que a posse é direito dos índios, irá lutar pela relocação das 130 famílias em outra área do Oeste catarinense. Nessa hipótese — que considera muito vaga e distante — o problema terá sérios agravantes, como a falta de terras no Oeste e os problemas idênticos que a Eletrosul causará com a reconstrução de barragens hidrelétricas no Rio Uruguai.

As acusações contra os agricultores foram formuladas pelo Conselho Indigenista Missionário e pelo chefe indígena Clemente Fortes do Nascimento Xeyuyá. Eles sustentam que a área do Chimbanque era controlada pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio, que a abandonou em 1944. Naquela época viviam na área (cerca de 80 colonias) 54 famílias de Caingangues, hoje reduzidas a 18 famílias (60-70 pessoas).

Desde a década de 1940, segundo o Cimi e os remanescentes Caingangues, a colonização branca foi avançando, expulsando ou eliminando os índios que hoje perderam todas as terras e vivem como empregados (agregados) dos brancos. Os índios garantem ainda que vivem sob tensão e terror, decorência de ameaças de brancos. O último crime contra eles praticado foi o assassinado do índio Idalino Fernandes pelo criminoso Valentin Soares do Nascimento, autor de vários outros crimes.